

Entrevista com Mario Magalhães

Mario Magalhães é jornalista e autor do livro “Marighella – O guerrilheiro que incendiou o mundo”, lançado em 2012. A obra recebeu o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e, recentemente, o Prêmio Jabuti 2013, como melhor biografia do ano.

Por que você escolheu Marighella como personagem do seu livro? Quando foi a primeira vez que pensou em escrever sobre ele?

Em 2003, aos 39 anos, eu decidi que não entraria nos 40 sem mergulhar em uma reportagem de fôlego, sem as amarras de tempo (para apurar) e espaço (escrever) típicas de uma redação de jornal, onde eu trabalhava. Queria fazer uma biografia, e não encontrei personagem tão fascinante quanto Carlos Marighella (1911-69). Como eu não me canso de repetir, é legítimo amar ou odiar Marighella, mas é impossível ficar indiferente à vida frenética que ele teve.

Você já declarou que levou 9 anos para escrever “Marighella”, um minucioso trabalho de pesquisa e investigação jornalística. O fato de ser um repórter te ajudou a se tornar um biógrafo?

Sim, porque eu escrevi uma biografia jornalística. A reportagem é um gênero do jornalismo. Uma biografia escrita por jornalista é uma reportagem sobre uma ou mais vidas.

As biografias devem ser usadas em sala de aula? São um importante recurso didático e pedagógico? De que maneira o seu livro pode ajudar os professores a contar parte da história do regime militar?

No caso de Carlos Marighella, um dos dez brasileiros de maior projeção internacional no século XX (excluindo artistas e desportistas), trata-se de crime de lesa-história a omissão do seu nome nos livros escolares. Não defendo que os guias didáticos promovam seu nome ou o condenem. Mas que contem o que ele fez, disse e pensou. Foi o que eu tentei fazer na biografia, um passeio por quatro décadas trepidantes do século XX, dos anos 1930 aos 60. A biografia já foi adotada por professores de dois cursos de Direito e um de Jornalismo. E foi recomendada a alunos por professores do Ensino Médio.

Como você enxerga a atual polêmica das biografias? O direito à informação atrapalha o direito à privacidade?*

O direito à privacidade é garantido em lei. Quem violá-lo ou cometer crimes de calúnia e difamação deve ser punido legalmente. Mas isso não tem nada a ver com a imposição de censura prévia, como prevê a legislação obscurantista em vigor. Quem gosta de censura prévia é ditadura.

**Nota da EFAP: para entender a atual polêmica que envolve as biografias não autorizadas, leia o infográfico feito pelo jornal O Globo (<http://oglobo.globo.com/infograficos/batalha-biografias/>).*

Você coleciona prêmios pelos trabalhos jornalísticos que fez. Como foi receber o Jabuti, prêmio mais tradicional da literatura brasileira?

A biografia recebeu o Jabuti e mais dois prêmios: o da Associação Paulista de Críticos de Arte e o do site Botequim Cultural. Não escrevo para ganhar prêmios, mas para os leitores. O reconhecimento mais importante é dos leitores. Quando a crítica compartilha a generosidade que os leitores vêm demonstrando com o meu livro, fico muito feliz e agradecido.

Quem será o próximo biografado?

Enquanto persistir a lei que exige autorização prévia para biografias, eu não escreverei mais nenhuma.